https://doi.org/10.23925/2176-2724.2023v35i4e63265

Idadismo e Fonoaudiologia: quando o preconceito afeta o olhar clínico sobre a pessoa idosa

Ageism and Speech, Language and Hearing Sciences: when the prejudice interferes in the clinical view on the aged person

Edadismo y logopedia: cuando el prejuicio interfiere en la visión clínica de la persona mayor

*Francelise Pivetta Roque**
*Sara Geovanna Ramos Gonçalves**
*Priscila Starosky**
*Gisele Gouvêa da Silva**
*Renato Sampaio Lima**
*Tatiana Bagetti**

Resumo

A Organização Mundial da Saúde preconiza que mudemos a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento, lutando contra o idadismo direcionado à pessoa idosa - o conjunto de estereótipos, preconceitos e discriminação contra esse grupo. Diante do papel da fonoaudiologia na gerontologia, do impacto possível do idadismo no cuidado fonoaudiológico e por desconhecermos trabalhos semelhantes ao aqui proposto, objetivamos discutir o idadismo entre estudantes e profissionais da Fonoaudiologia. Realizou-se revisão integrativa de literatura, buscando-se artigos, em abril de 2023, a partir dos termos "idadismo" e "fonoaudiologia" nas bases *Scientific Electronic Library On-line (SciELO)*, Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Public Medicine Library (PubMed)*. Incluíram-se todas as referências publicadas nos últimos 15 anos sobre o tema, bem como as pesquisas pertinentes à revisão citadas nestes artigos. Foram encontradas cinco

* Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Contribuição dos autores:
FPR: participou da concepção do estudo, metodologia, coleta de dados, esboço do artigo, revisão crítica e orientação.
SGRG: participou da concepção do estudo, metodologia, coleta de dados, esboço do artigo e revisão crítica.
PS: participou da metodologia, coleta de dados, esboço do artigo, revisão crítica e orientação.
GGS, RSL, TB: participaram da revisão crítica.

Endereço para correspondência: Francelise Pivetta Roque - franceliseroque@id.uff.br
Recebido: 16/08/2023
Aprovado: 06/02/2024

pesquisas, todas quantitativas, publicadas entre 2003 e 2021, duas realizadas nos Estados Unidos, duas no Chile e uma no Brasil. O idadismo foi avaliado como preconceito, como conhecimento indevido sobre o envelhecimento, atitude inadequada com relação aos idosos e como estereótipo sobre eles, e foi encontrado em estudantes na metade (n=2) dos estudos que os investigaram, num deles sob a forma de conhecimento inadequado e no outro sob a forma de preconceito. Ademais, o idadismo esteve presente em fonoaudiólogos em um dos quatro estudos que os avaliaram, apresentado como estereótipo positivo. Os resultados desta revisão não são generalizáveis, mas podem fundamentar reflexões com repercussões no cuidado fonoaudiológico prestado a pessoas idosas e evidenciam a necessidade de mais pesquisas.

Palavras-chave: Etarismo; Idoso; Fonoaudiologia; Transtornos de Deglutição; Transtornos de Comunicação.

Abstract

The World Health Organization Combating proposes combating ageism toward older persons- conceptualized as stereotypes, prejudices and discrimination against older people. Due to the role of speech and language pathologist (SLP) and audiologist in gerontology, because of the possible impact of ageism in caring for older persons and because we didn't find studies similar to this research, we aimed to discuss ageism between SLP and Audiology professionals and students. We conducted an integrative review, searching articles, in 2023 April, by terms "ageism" and "SLP" in the scientific bases Scientific Electronic Library On-line (SciELO), Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Public Medicine Library (PubMed). All the research published in the last 15 years about the theme were included, as well as the theme-related cited in these researches. There were found five articles, all quantitative, published between 2003 and 2021, two in the United States of America, two in Chile and one in Brazil. Ageism was evaluated as prejudice, inadequate knowledge about the aging, inadequate attitude toward older persons and stereotypes about them. Ageism was found in half (n=2) of the studies that investigated SLP students, evidenced as inadequate knowledge in one of them and as prejudice in the other. Between SLP professionals, ageism was found in one of four studies, evidenced as a positive stereotype. The results are not generalizable, but they can stimulate reflections about repercussions in the care of aged persons and it points to the necessity of more studies.

Keywords: Ageism; Aged; Speech, Language and Hearing Sciences; Deglutition Disorders; Communication Disorders.

Resumen

La Organización Mundial de la Salud propones la lucha contra el edadismo - conoscido como estereotipos, prejuicios y discriminación contra las personas mayores. Debido al papel de la logopedia en gerontología y a la posibilidad de edadismo perjudicar el cuidado a las personas mayores, y porque desconocemos trabajos similares a nuestro, estudiamos el edadismo entre estudiantes y profesionales de Logopedia. Se desarrolló una revisión integrativa. Se buscaron artículos, en abril de 2023, por los términos "edadismo" y "logopedia" en las bases científicas *Scientific Electronic Library On-line (SciELO)*, Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Public Medicine Library (PubMed)*. Se incluyeron todas las investigaciones sobre el tema publicadas en los últimos 15 años, y aquellas relacionadas con el tema citadas en estas investigaciones. Se encontraron cinco artículos, todos cuantitativos, publicados entre 2003 y 2021, dos de los cuales fueron realizados en Estados Unidos de América, dos en Chile y uno en Brasil. La discriminación por edad se evaluó como prejuicio, conocimiento inadecuado sobre el proceso de envejecimiento, actitud inadecuada hacia las personas mayores y estereotipos sobre esas personas. La discriminación por edad se encontró en la mitad (n=2) de los estudios sobre este grupo, evidenciada como conocimiento inadecuado en uno y como prejuicio en otro. Entre los logopedas, en uno de los cuatro estudios se encontró discriminación por edad, como un estereotipo positivo. Los resultados no son generalizables, pero pueden estimular reflexiones sobre las repercusiones en el cuidado gerontológico y señalar la necesidad de realizar más estudios.

Palabras clave: Ageísmo; Anciano; Terapia del lenguaje; Trastornos de Deglución; Trastornos de la Comunicación.

Introdução

Em escala mundial, a cada duas pessoas, uma apresenta preconceito contra as pessoas idosas[1]. O idadismo, que tem como sinônimos os termos "ageísmo" e "etarismo", descreve estereótipos (como pensamos), preconceitos (como nos sentimos) e discriminação (como agimos) direcionados a uma pessoa com base na idade dela. Ele pode se manifestar no ambiente institucional, interpessoal ou ser autodirigido, expresso de forma implícita ou explícita, dependendo do nível de consciência do indivíduo a respeito do conceito.

O combate ao idadismo é um dos quatro pilares de ações da Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030, proposto pela Organização Mundial da Saúde[1]. Essa Década é um movimento de colaboração sustentável e catalítica no qual governanças, sociedade civil, agências internacionais, profissionais, academia, mídia e setor privado são convocados a trabalharem de forma conjunta visando a melhora da vida das pessoas idosas, suas famílias e comunidades[1].

Embora haja evidências de que o idadismo sempre tenha estado presente na sociedade, ele ficou mais evidente durante a pandemia da COVID-19, sob a forma de discriminação contra pessoas idosas[2]. Trouxe à tona, ainda, o desconhecimento - por parte de profissionais da saúde - acerca de aspectos fundamentais em geriatria e gerontologia[3]. Como exemplo, pode-se citar os casos em que a destinação de recursos se baseou apenas na idade, enquanto já é sabido que, em situações críticas, devem ser considerados outros parâmetros, incluindo condições clínicas, fragilidade, estado funcional e comorbidades[3]. Todos têm direito à vida, e as decisões rápidas deveriam ser tomadas pela equipe em conjunto com o paciente e a família[4].

O modo com o qual os profissionais de saúde avaliam o envelhecimento e a pessoa idosa pode determinar o atendimento e o tratamento destinado a ela[5]. Os contextos de saúde estão dentre aqueles em que mais ocorre discriminação contra a pessoa idosa no Brasil, incluindo-se a associação que os profissionais fazem entre idade e dor, surdez e a falta de capacidade de compreensão[6]. Atitudes negativas e pressupostos, por parte de profissionais e estudantes da medicina e enfermeiros, de que os declínios funcional e cognitivo são inerentes às pessoas idosas, acarretam a opção de não realizar determinados tratamentos e impedem que sejam identificados problemas no início destes[7]. Os profissionais de saúde mental de uma pesquisa avaliada em nossas análises consideraram "normal" a presença de sintomas depressivos em pessoas idosas, conduta que restringe o acesso a tratamentos e leva a um cuidado prestado não resolutivo[8].

A Fonoaudiologia é uma profissão relevante no cuidado à saúde da pessoa idosa, uma vez que tem atuação na função auditiva periférica e central, na função vestibular, na linguagem oral e escrita, voz, fluência, articulação da fala e nos sistemas miofuncional, orofacial, cervical e de deglutição, além de outros aspectos comunicativos[9]. Tem, inclusive, a gerontologia como uma de suas especialidades[9].

Há pesquisas[10-14] que identificam ou sugerem a existência de idadismo entre estudantes e profissionais da Fonoaudiologia, entretanto não identificamos nenhuma que reunisse e integrasse os achados da ciência numa revisão de literatura. Diante do que foi apresentado até o momento, objetivou-se, no presente estudo, discutir o idadismo entre estudantes e profissionais da fonoaudiologia e as possíveis implicações no cuidado fonoaudiológico prestado às pessoas idosas.

Método

Realizou-se revisão integrativa de literatura, tendo como perguntas norteadoras as seguintes: "O idadismo está presente em estudantes e profissionais da Fonoaudiologia? Caso sim, quais as implicações possíveis disso no cuidado fonoaudiológico?"

Em abril de 2023, foram buscados artigos nas bases Scientific Electronic Library On-line (SciELO), Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Public Medicine Library (PubMed) a partir dos termos "etarismo" e "fonoaudiologia", incluindo-se todas as referências encontradas a partir dos termos "idadismo" e "fonoaudiologia", nos últimos 15 anos.

A escolha por revisão integrativa em detrimento de revisão sistemática, a qual apresenta, em relação à primeira, maior nível de evidência científica, está fundamentada por dois motivos. O primeiro deles consiste na busca exploratória da literatura que fizemos inicialmente, pelo perfil dos estudos, da qual identificamos que eles eram desfavoráveis à realização de revisão sistemática, a qual tem critérios que precisam ser atendidos para

sua condução. O segundo é nosso julgamento de que o tema poderia se beneficiar de um formato de revisão que permitisse a discussão da literatura de forma mais ampla e reflexiva, característica da revisão integrativa, trazendo benefícios também educativos aos leitores, em consonância com os preceitos da Década do Envelhecimento Saudável[2].

A escolha das bases de dados pesquisadas nesta revisão se justifica por estarem, provavelmente, dentre as principais utilizadas por fonoaudiólogos no Brasil.

Resultados

Encontraram-se cinco pesquisas[10-14], cujos principais dados estão apresentados de forma resumida no Quadro 1.

Todas elas são quantitativas e foram publicadas em 2003[10], 2015[11], 2020[12-13] (duas pesquisas) e 2021[14]. Duas foram realizadas nos Estados Unidos[10,13], duas no Chile[11-12] e uma no Brasil[14]. O idadismo foi avaliado sob diferentes prismas: como preconceito[13], como conhecimento indevido sobre o envelhecimento[10,14], como atitude inadequada[11-12] com relação às pessoas idosas e como estereótipo[11] sobre a pessoa idosa.

Os instrumentos utilizados para avaliar idadismo foram diferentes em cada pesquisa, tendo sido eles: *Facts on Aging Quiz* (1a versão) (*FAQ1*)[10]; Questionário de Estereótipo Negativo para Idosos (CENVE)[11], Escala Kogan de Atitudes em relação aos Idosos (KAOP)[12]; Escala Fraboni de Ageismo (*Fraboni Scale of Ageism-FSA*)[13] e Questionário "*Palmore Facts on Aging Quiz*" adaptado para o português brasileiro[12].

Os participantes das pesquisas foram estudantes de Fonoaudiologia em quatro estudos[10-13]; fonoaudiólogos com atuação clínica em dois estudos[10,14] e fonoaudiólogos docentes em um[11].

Dois estudos[10,14] avaliaram o conhecimento sobre envelhecimento. Num deles, esse conhecimento foi considerado inadequado quando avaliados os estudantes e adequado quando avaliados os profissionais[14]. No outro estudo[10], a média de conhecimento de fonoaudiólogos foi considerada adequada.

Dois estudos investigaram a atitude[10,11], um com estudantes[11] e outro com profissionais[10]. Em ambos, a atitude foi considerada positiva.

No único estudo que investigou estereótipo[11], verificou-se a presença de neutralidade nos estudantes e estereótipos positivos nos professores de Fonoaudiologia, Odontologia e Fisioterapia.

No único estudo realizado sobre idadismo como preconceito[12], ele foi identificado entre estudantes por meio de nível de viés implícito na Escala Fraboni de Ageismo (*Fraboni Scale of Ageism-FSA*). Verificou-se, ainda, correlação negativa entre viés anti-idade e acertos em questões indicativas de conhecimento sobre envelhecimento. Neste estudo, o estereótipo tendenciou a ser positivo quanto maior fosse a experiência dos estudantes com pessoas idosas. As pessoas com condições socioeconômicas baixas ou médio-baixas demonstraram mais estereótipos positivos quando comparadas aos de condições altas e médias.

Nenhum estudo investigou as implicações do idadismo no cuidado fonoaudiológico.

Quadro 1. Pesquisas sobre conhecimentos, atitudes e preconceitos relacionados a idadismo em estudantes e profissionais da Fonoaudiologia

Autores, ano	País	Objetivo	Participantes	Métodos utilizados	Principais resultados
Searl , Gabel, 2003[10]	Estados Unidos	Avaliar o conhecimento e a atitude de fonoaudiólogos em relação a pessoas idosas	83 fonoaudiólogos que trabalhavam em serviços de saúde - correspondentes a 28% das pessoas inicialmente convidadas para participar da pesquisa (todos os fonoaudiólogos no estado de Ohio que trabalhavam ou haviam trabalhado em serviços de saúde)	1.Questionário demográfico. 2.Instrumento *Facts on Aging Quiz* (1a versão) (FAQ1), pelo qual se avaliaram: 2.a) Conhecimento sobre envelhecimento. 2.b) Atitudes em relação ao envelhecimento e aos idosos.	94% eram mulheres, com idade média de 38 anos (DP = 8; 4 anos;meses); 100% de etnia caucasiana; com média de 12; 4 (desvio padrão = 8) anos trabalhados como fonoaudiólogo; 5 anos (desvio padrão = 4) anos no cargo atual (aproximadamente 40% em instituição de longa permanência para idosos e 25% em hospitais de cuidados intensivos).
				O conhecimento foi verificado por: 1.a.I) número médio correto (um (1) ponto para cada resposta correta, "menos um" (-1) ponto para cada resposta incorreta, e zero (0) para respostas "não sei"); 1.a.I) a porcentagem média de acertos na FAQ1.	A pontuação média de itens corretos foi 16±2,9, e o percentual médio de acertos foi 64±12%. Os autores interpretaram que o conhecimento era compatível com outros grupos de estudantes e profissionais, e que era esperado haver mais conhecimento pelo fato de esses fonoaudiólogos trabalharem ou terem trabalhado com pessoas idosas.
				As atitudes foram verificadas por três tipos de vieses: 2.b.I) viés pró-idade (perspectiva irrealisticamente positiva sobre o envelhecimento, que pode supostamente ser tão prejudicial quanto um viés negativo); 2.b.II) viés anti-idade (perspectiva irrealisticamente negativa sobre o envelhecimento); 2.b.III) "web" viés (subtraindo-se o viés anti-idade do viés pró-idade).	Viés anti-idade: média de 22,6±15%. Viés pró-idade: média de 15,7±19,0%. Web viés: -7,0% ±26,6% (sobreposição de viés negativo em relação ao viés positivo sobre envelhecimento). Interpretação dos autores: médias baixas, porém com grande dispersão dos escores, indicando uma gama ampla e variada de atitudes negativas e positivas.
				Realizou-se, também, avaliação de associação, por análise de correlação múltipla, entre conhecimento, as atitudes e dados sociodemográficos	Houve ausência de associação entre o conhecimento dos fonoaudiólogos, as atitudes deles, suas idades, tempo de convivência com pessoas idosas, características das pessoas idosas que acompanham enquanto profissionais, treinamento e nível de interesse em passar mais tempo com pessoas idosas. Verificou-se correlação negativa entre viés anti-idade e quantidade de acertos (absoluta e em porcentagem) nas questões sobre conhecimento.

Autores, ano	País	Objetivo	Participantes	Métodos utilizados	Principais resultados
León et al., 2015[11]	Chile	Avaliar os estereótipos sobre envelhecimento por parte de estudantes e professores da saúde	284 estudantes e professores de Odontologia, Fisioterapia e Fonoaudiologia da Universidade de Talca	Aplicou-se o Questionário de Estereótipo Negativo para Idosos (CENVE). Categorizaram-se as respostas como "positivas", "neutras" e "positivas"	Quando não separaram os estudantes por curso: a maioria dos estudantes tinha estereótipos neutros, e os docentes, positivos, mas esta diferença só foi estatisticamente significante em Odontologia.
				Verificou se havia associação entre estereótipos negativos e gênero, status socioeconômico, aulas, posição (estudante / professor) e Curso	Não foram encontradas diferenças em relação a gênero, curso ou aulas. As pessoas com condições socioeconômicos baixas ou médio-baixas tinham mais estereótipos positivos quando comparados aos de condição socioeconômica alta e média. Os estereótipos parecem ser melhores entre os estudantes com alguma experiência clínica.
Henríquez et al., 2020[12]	Chile	Investigar as atitudes em relação a pessoas idosas como resultado da sua formação	43 estudantes do último ano do curso de Fonoaudiologia em uma Universidade do Chile	Incluíram-se os alunos ativos no Curso, independentemente de terem sido reprovados em provas anteriores, e se excluíram aqueles que não tivessem contato direto com idosos em nenhuma de suas práticas profissionais. Utilizaram-se:	Escores médios indicativos de atitudes positivas em relação às pessoas idosas. Não houve correlação entre as características da amostra e seus resultados na escala.
				1. um formulário de caracterização da amostra	
				2. Escala Kogan de atitudes em relação aos idosos (KAOP), composta por 34 afirmações sobre idosos, metade positivas e metade negativas	
Heape et al., 2020[13]	Estados Unidos	Avaliar o grau de preconceito contra idade em estudantes de Fonoaudiologia e verificar se havia associação entre o grau e etnia, gênero, idade e experiência anterior de trabalho com pessoas idosas	Oitenta estudantes de pós-graduação matriculados em um programa de Fonoaudiologia credenciado durante um período de 2 anos *Obs.: É importante ressaltar que, nos Estados Unidos, a formação para Fonoaudiologia se dá durante esta* pós-graduação, e não durante a graduação, conforme ocorre no Brasil.	Coletaram-se: 1. dados sociodemográficos e 2. dados de idadismo por meio da Escala Fraboni de Ageismo (Fraboni Scale Of Ageism - FSA). Os alunos completaram esta Escala ao início de um curso sobre envelhecimento, desconhecendo o tipo de avaliação que estavam realizando e de forma anônima para que o instrutor não visse o desempenho individual do aluno.	Um nível de viés implícito foi demonstrado por meio das pontuações gerais dos participantes.

Autores, ano	País	Objetivo	Participantes	Métodos utilizados	Principais resultados
Garcia, Santos, 2021[14]	Brasil	Investigar o conhecimento de fonoaudiólogos e estudantes de Fonoaudiologia em relação à velhice	20 fonoaudiólogos e 102 estudantes de Fonoaudiologia com pelo menos 18 anos de idade, de todo o país	Realizou-se amostragem do tipo "bola de neve" ("snowball"), em que cada participante fora estimulado a convidar amigos de sua rede social "online". Foram aplicados de forma "online":	O nível de preconceito de idade não mudou significativamente quando os participantes foram agrupados por gênero, etnia, idade ou nível de experiência.
				1.Questionário semiestruturado contendo informações sociodemográficas, profissionais e de a experiência/ vivência pessoal do participante com o tema envelhecimento.	A idade dos fonoaudiólogos foi entre 26 e 68 anos, média de 48,8 anos e a dos estudantes, entre 18 e 31 anos, média de 21,5 anos
				2.questionário "Palmore Facts on Aging Quiz" adaptado para o português brasileiro. Apresenta 23 itens com respostas dicotômicas tipo "verdadeiro versus falso"	A prevalência de não conhecimento sobre o envelhecimento foi predominante entre os estudantes, mas não entre os fonoaudiólogos. Interpretação dos autores: resultado decorrente dos níveis de treinamento. Houve, porém, o desconhecimento de aspectos importantes sobre o envelhecimento em ambos os grupos, como, por exemplo: 70% dos estudantes e 93,1% profissionais de saúde acreditavam que "a maioria dos idosos não muda seu ponto de vista".
					Não houve efeito, nas respostas dadas, das variáveis convivência com o idoso, experiência de trabalho ou acadêmica. Os autores encontraram, ainda, semelhanças entre estes resultados e de pesquisas com outras áreas da saúde, incluindo Medicina, Educação Física, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Enfermagem, Farmácia, Serviço Social e Odontologia.

Discussão

Idadismo entre estudantes e profissionais da Fonoaudiologia

A diversidade com o que o idadismo foi avaliado nos estudos dificulta a comparação entre eles e, ao mesmo tempo, ilustra a complexidade do tema.

O idadismo foi encontrado entre estudantes na metade (n=2) dos estudos que investigaram este grupo. Em um deles sob a forma de conhecimento inadequado[14] e no outro sob a forma de preconceito[13]. Nos outros dois, em que esteve ausente, manifestou-se como atitude positiva em relação às pessoas idosas[10-14] e como estereótipo neutro[11].

Entre fonoaudiólogos, o estereótipo positivo[11] a respeito das pessoas idosas foi encontrado em um dos quatro estudos que os avaliaram. Estereótipos sobre velhice, envelhecimento e pessoas idosas podem impedir fonoaudiólogos, enquanto profissionais da saúde, de enfrentarem os problemas que acompanham o envelhecimento da população[15-18]. É importante ressaltar que mesmo os estereótipos de conteúdo positivo podem ser fontes do que se convencionou na literatura gerontológica como "idadismo benevolente"[16], e também apresentam consequências negativas. Esses estereótipos podem ser perceptíveis a partir de três representações: biológicas (evidenciados por alterações físicas,

doenças e incapacidade), psicológicas (experiência, resiliência e tranquilidade) e sociais (abandono, isolamento, perdas de papéis sociais e o uso do tempo livre)[16].

Nos demais estudos que avaliaram fonoaudiólogos em que o idadismo esteve ausente[10,13-14], encontramos o conhecimento adequado em um[13-14] e a atitude positiva em outro[10]. Porém, uma das pesquisas em que o conhecimento de fonoaudiólogos foi considerado adequado[14], tanto estudantes quanto profissionais desconheciam aspectos importantes do tema. Por exemplo: 70% dos estudantes e 93,1% profissionais de saúde acreditavam que "a maioria dos idosos não muda seu ponto de vista"[14]. No outro estudo em que o conhecimento foi considerado adequado[10], os autores referiram que esperavam que ele fosse superior ao que havia sido encontrado em outros estudos, uma vez que os participantes da pesquisa em questão trabalhavam com pessoas idosas. No estudo em que a atitude de fonoaudiólogos diante de pessoas idosas foi considerada positiva[10], os autores enfatizaram que houve grande dispersão dos escores, indicando uma gama ampla e variada de atitudes negativas e positivas.

Implicações possíveis do idadismo no cuidado fonoaudiológico

Apesar de nenhum estudo ter investigado as implicações do idadismo no cuidado fonoaudiológico, outros estudos dão suporte ao pressuposto de que aquilo que o fonoaudiólogo pensa, sente, acredita e sabe sobre a velhice, a pessoa idosa e o envelhecimento importam no cuidado fonoaudiológico prestado, pois os valores de profissionais da saúde podem influenciar suas decisões clínicas[19]. As habilidades comunicativas do profissional de saúde, presentes em todo o "continuum" do cuidado, são compostas de conteúdo (o que é comunicado), processo (como é comunicado, incluindo-se o uso do silêncio) e aspectos perceptuais (o que o clínico sente e pensa enquanto se comunica). Nessa última interferem atitudes, vieses cognitivos, pressuposições e intenções[20].

O idadismo pode se repercutir de três formas no cuidado em saúde das pessoas idosas: excesso de cuidados (oferecer serviços que elas não precisam), infantilização (usar formas familiares de se dirigir às pessoas idosas, por exemplo, chamar a pessoa de "vovó", "vovô" e usar linguagem diminutiva) e invisibilidade (em relação às necessidades e preferências da pessoa idosa)[21].

O idadismo pode se refletir em conceitos da fonoaudiologia como os relacionados à disfagia orofaríngea. Isso foi descrito num estudo qualitativo[22] que não foi incluído nesta revisão integrativa por se tratar de resumo em evento e, portanto, não indexado nas bases de dados pesquisadas. Durante a avaliação escrita de um componente curricular opcional ("disciplina" / "matéria") ofertada ao quinto período de graduação em fonoaudiologia de uma universidade pública fluminense, após cerca de 50% do total de 36 horas totais voltado à introdução do assunto "disfagia orofaríngea" em pessoas de todas as idades, solicitou-se, como avaliação exclusivamente formativa (sem a atribuição de notas), que cada uma das 24 estudantes refletisse sobre seus aprendizados adquiridos na disciplina e, com base nessas reflexões, completassem três frases com a seguinte estrutura: "Eu pensava que… mas depois de…descobri que…", Surpreendeu-me…" e " Causou-me curiosidade…". Os relatos foram, então, submetidos à análise crítica e reflexiva do seu conteúdo. Sete (29,17%) das 24 estudantes apresentaram relatos espontâneos sobre idadismo, que se manifestou, antes das aulas, por conceitos equivocados quanto à disfagia orofaríngea, incluindo a concepção de que a disfagia orofaríngea fosse causada por envelhecimento natural e ocorresse exclusivamente em pessoas idosas. Elas relataram, ainda, que deixaram de ter essas crenças após as aulas, o que demonstrou efeito benéfico da educação para a visão anti-idadista.

Se os sinais e sintomas sugestivos de disfagia orofaríngea apresentados por um idoso sem diagnósticos médicos que justifiquem esse quadro forem considerados pelo fonoaudiólogo que lhe presta cuidados como sendo alterações decorrentes do envelhecimento, o distúrbio de saúde e/ou doença causador da disfagia orofaríngea deixará de ser diagnosticado e tratado adequadamente, podendo, inclusive, tratar-se de fragilidade ou outra síndrome geriátrica que requeira investigação[23]. Além disso, conhecer o diagnóstico da causa da disfagia interfere também no prognóstico e na indicação de recursos terapêuticos fonoaudiológicos. Outro exemplo para ilustrar as possíveis consequências do idadismo no cuidado fonoaudiológico é se, durante o acompanhamento fonoaudiológico, determinada pessoa idosa apresentar confusão mental aguda e o fonoaudiólogo considerar que tal ocorrência apenas faça parte do processo natural de envelhecimento. Contudo, pode-se estar diante de "delirium", uma

condição considerada emergência geriátrica[21], sendo o óbito umas das possíveis causas, caso a condição não receba atendimento adequado.

Verifica-se ainda a presença do idadismo entre os fonoaudiólogos e estudantes de fonoaudiologia a partir do uso, em seu cotidiano, de frases que demonstram idadismo[24-25] ao se referir à pessoa idosa, como por exemplo: "ele chegou cedo para o atendimento, sabe como são as pessoas idosas - são ansiosas"; "o atendimento demora, porque sabe como são os idosos - são carentes, adoram conversar", "estou atendendo uma senhorinha", "vou atender um vozinho", "coloque aqui sua perninha" [dirigindo-se à pessoa idosa]. Frases como "o envelhecimento causa disfagia", "ela tem 83 anos, mas tem sua cognição preservada" carregam a ideia implícita de que a velhice e o processo de envelhecimento são considerados "doenças" ou "síndromes de base" que alteram as funções de deglutição e comunicação, como se fosse "natural" e esperado no curso da vida que se tenha distúrbios nessas funções.

Anti-idadismo: conhecimentos, atitudes e práticas fonoaudiológicas da qual necessitamos

Recentemente, foi necessário o movimento mundial "Velhice não é doença", do qual o Brasil participou, para reverter a decisão da Organização Mundial da Saúde[24] a respeito de incluir o código MG2A, referente à velhice, na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). As justificativas que embasaram tal movimento foram o possível prejuízo na compilação de dados epidemiológicos, decorrente do uso inadequado do código MG2A como causa de óbito e camuflando, assim, as causas reais da morte; o reforço ao idadismo que tal decisão significaria e, por fim, a compreensão necessária de que velhice nada mais é do que uma das fases da vida[24]. Este fato, ocorrido em plena Década do Envelhecimento Saudável[1] e tendo envolvido a própria organização que a propôs, é prova do quão desafiador - e urgente – é o combate ao idadismo.

Assim como os tipos de preconceitos, é insuficiente que estudantes e profissionais de fonoaudiologia não manifestem idadismo. É preciso ser anti-idadista, engajando-se ativamente na mudança desse panorama. Isso inclui reflexão, atualização científica e ação social a fim de permitir uma melhora da qualidade do cuidado realizado pelo fonoaudiólogo, bem como garantir uma sociedade melhor para todas as pessoas, inclusive (ex) estudantes e profissionais idosos de fonoaudiologia.

Como limitação de nossa revisão de literatura, enfatizamos a impossibilidade de seus resultados serem generalizáveis.

Considerações finais

Considerando-se o contexto do envelhecimento mundial e brasileiro, a ênfase ao combate do idadismo dada na Década do Envelhecimento Saudável, a abordagem insuficiente do tema na literatura e a necessidade de formação profissional em gerontologia, o presente trabalho tem potencial de fundamentar reflexões iniciais em estudantes e profissionais da fonoaudiologia e, possivelmente, em áreas afins, com consequências esperadas como positivas no cuidado ofertado. O presente texto evidencia, ainda, a necessidade de desenvolver mais estudos, os quais podem ser estimulados a partir deste.

Este estudo discutiu, a partir de revisão integrativa de literatura, a presença de idadismo em estudantes e profissionais da fonoaudiologia. A literatura levantada mostrou-se escassa, com métodos e resultados diversos. Discorreu-se, a partir dos achados, sobre a hipótese de impacto negativo do idadismo no cuidado fonoaudiológico. Enfatizou-se a necessidade de a atuação ser anti-idadista para que possa atender devidamente às necessidades das pessoas idosas e da sociedade como um todo. O texto tem potencial de fomentar reflexões e, possivelmente, mudanças positivas nas ações, por parte de estudantes e profissionais da fonoaudiologia, bem como de estudantes e profissionais de outras profissões que atuem nas áreas da saúde, educação, social e afins.

Referências

1. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Relatório Mundial sobre o Idadismo. Washington: Escritório Regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde; 2022. Disponível em: https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872

2. Silva MF, Silva DSM da, Bacurau AG de M, Francisco PMSB, Assumpção D de, Neri AL, Borim FSA. Ageísmo contra idosos no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão integrativa. Rev. saúde pública. 2021; 55:4. doi: https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2021055003082

3. Cesari M, Proietti M. COVID-19 in Italy: ageism and decision making in a pandemic. J Am Med Dir Assoc. 2020; 21(5): 576-7. doi: https://doi.org/10.1016/j.jamda.2020.03.025

4. Savulescu J, Cameron J, Wilkinson D. Equality or utility? Ethics and law of rationing ventilators. Br J Anaesth. 2020;125(1):10-5. doi: https://doi.org/10.1016/j.bja.2020.04.011

5. Ouchida Karin M, Lachs Mark S, S Mark, et al. Not for Doctors Only: Ageism in Healthcare. Generations. 2015; 39 (3): 46-57. doi: https://www.jstor.org/stable/26556135

6. Couto MCP de P, Koller SH, Novo R, Soares PS. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageismo. Psic: Teor e Pesq [Internet]. 2009; 25(4): 509–18. doi: https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000400006

7. Trigueros R, Ana M, Aguilar-Parra, José M, et al. The Influence of Emotional Intelligence on Resilience, Test Anxiety, Academic Stress and the Mediterranean Diet. A Study with University Students. Int J Environ Res Public Health. 2020; 17(6): 2071. doi: https://doi.org/10.3390/ijerph17062071

8. Chrisler JC, Barney A, Palatino B. Ageism can be Hazardous to Women's Health: Ageism, Sexism, and Stereotypes of Older Women in the Healthcare System. J Soc Issues.2016; 72(1): 86-104. doi: https://doi.org/10.1111/josi.12157

9. Conselho Federal de Fonoaudiologia (BR). Resolução nº 463, de 21 de janeiro de 2015. Dispõe sobre as atribuições e competências relativas ao profissional Fonoaudiólogo Especialista em Gerontologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União[Internet].2015 mar 24 [cited 2023 Jul 23]; 56(Seção 1):73. Avaiable from: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=24/03/2015&jornal=1&pagina=73&totalArquivos=76

10. Searl J, Gabel R. Speech-Language Pathologists' Attitudes Toward Aging and the Elderly. CICSD [Internet]. 2003 [cited 2023 May 16]; 30: 146–155.doi: https://pubs.asha.org/doi/pdf/10.1044/cicsd_30_F_146.

11. León S, Correa-Beltrán G, Giacaman RA. Negative ageing stereotypes in students and faculty members from three health science schools. Gerodontology. 2015; 32(2): 141-8. doi: https://doi: 10.1111/ger.12065.

12. Henríquez F, Retama FS, Morales C. Attitudes towards ageing of Speech-language Pathology students in a Chilean University. CODAS. 2020;:e20190010. doi: 10.1590/2317-1782/20192019010 1/7

13. Heape A, Causey B, Lloyd T, Jeter S. Ageism Among Graduate Students in Communication Sciences and Disorders: A Longitudinal Analysis. Persp Journal [Internet]. 2020; 5(5): 1306-12. doi: https://doi.org/10.1044/2020_PERSP-20-00062.

14. Garcia ACO, Santos MTM. Ageismo: considerações a partir do conhecimento entre estudantes de graduação e fonoaudiólogos. Res, Soc Dev. [Internet]. 2021;10(8): e38410816793. doi: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.16793.

15. Organização Mundial da Saúde, OMS. Desenvolvimento de competências para a atenção à saúde das pessoas idosas: ACAPEM - Nível básico - português [curso online]. 2023. Disponível em: https://campusvirtualsp.org.

16. Palmore E. The ageism survey: first findings. Gerontologist.2021; 41(5):572-5. doi: https://doi.org/10.1093/geront/41.5.572

17. Døssing MV, Crăciun IC, et al. From Hostile to Benevolent Ageism: Polarizing Attitudes Toward Older Adults in German COVID-19-Related Tweets. Pubmed [Internet]. 2022 Nov 07 [cited 2023 May 16];1185-1195. doi: https://doi.org/10.1093/geront/gnac063

18. Lourenço R A, Perez M. Será a fragilidade e não a idade cronológica o elemento prognóstico essencial no paciente idoso com COVID-19? Geriatr Gerontol Aging (Online) [Internet]. 2020 Jun 30 [cited 2023 May 18]: 77-8. doi: https://doi.org/10.5327/Z2447-2123202020v14n2EDT1

19. Moyo M, Goodyear-Smith FA, Weller J, Robb G, Shulruf B. Healthcare practitioners' personal and professional values. Adv. health sci. educ. (Dordr., Online); 2015. doi: https://doi.org/10.1007/s10459-015-9626-9

20. Cary J, Kurtz S. Integrating clinical communication with clinical reasoning and the broader medical curriculum. Patient Educ Couns [Internet]. 2013 [cited 2023 May 18]; 92(3): 361-5. doi: https://doi.org/10.1016/j.pec.2013.07.007

21. Organização Mundial da Saúde, OMS. Desenvolvimento de competências para a atenção à saúde das pessoas idosas: ACAPEM - Nível básico - português [curso online]. 2023. Disponível em: https://campusvirtualsp.org.

22. Faria B, Erthal R, Roque F, Starosky P. Aprendizado anti-idadista de estudantes de fonoaudiologia mediado por conteúdo curricular sobre disfagia orofaríngea. [Apresentação no 11° Congresso de Geriatria e Gerontologia do Estado do Rio de Janeiro, GERIATRIO; 2022 out 17-20; Rio de Janeiro, Brasil].

23. Inouye SK, Charpentier PA. Precipitating factors for delirium in hospitalized elderly persons. Predictive model and interrelationship with baseline vulnerability. JAMA. 1996; 275(11): 852-7. doi:10.1001/jama.1996.03530350034031

24. Liang L (ed.). Guia para Jornalistas na Cobertura do Envelhecimento. [S. l.]: Dínamo Editora; 2017. [Acesso em 28 Nov 2023]. Disponível em: https://www.dinamoeditora.com.br/guias

25. Morosini L. RADIS, Velhice não é doença [homepage na Internet]. Rio de Janeiro/RJ: Fiocruz; [atualizada em 2022 Fev 01; acesso em 2002 Jun 9]. Disponível em: http://https://radis.ensp.fiocruz.br/reportagem/velhice-nao-e-doenca.

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.